

**PARANAMBUCO. PODER E HERANÇA INDÍGENA.
NORDESTE SÉCULOS XVI E XVII.**

RECIFE: ED. UNIVERSITÁRIA DA UFPE, 2007, 220 P.; IL.

Resenha de Gabriela Martin

O livro de Bartira Ferraz Barbosa consolida uma linha de pesquisa em torno da Etnoarqueologia e da Etnohistória, que se vem destacando na Universidade Federal de Pernambuco, especialmente depois da implantação do Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio.

A interdisciplinaridade das ciências da terra, em conexão com as ciências humanas, marca as categorias de entrada e de saída da pesquisa etnohistórica e etnoarqueológica. Compreender as estratégias de sobrevivência dos povos indígenas, antes e depois da conquista e os processos de adaptação à nova ordem colonial, não seria possível sem o conhecimento do meio ambiente e dos recursos naturais com que essas populações contaram. Assim, a Arqueologia, a Antropologia, a Geohistória e o exaustivo levantamento documental combinam-se, no livro, num mosaico de agradável leitura, que nos introduz nas relações indígenas com o invasor nos primórdios da colonização de Pernambuco.

Para melhor entender-se a abordagem metodológica que Bartira Barbosa estabeleceu na obra *Paranambuco*, devemos no reportar à formação da autora desde o início da sua entrada na universidade. Ainda muito jovem, nos primeiros semestres do curso de graduação em História, a autora demonstrou marcado interesse pela Arqueologia pré-histórica, obtendo sua primeira bolsa de Iniciação Científica junto à equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE, que realizava, na década de 80, o salvamento arqueológico da área de Itaparica, no vale médio do São Francisco. Foi percorrendo o vale, que Bartira Barbosa entrara em contato, pela primeira vez, com Atikum, Pankararu, Rodelas e outros grupos minoritários indígenas, remanescentes da trágica epopéia que significara a colonização portuguesa do vale sanfranciscano. A relação desses grupos com os achados materiais que as escavações arqueológicas proporcionavam, deveria ter um eixo de convergência aos olhos da jovem pesquisadora. O comentário de um singelo texto deve ter sido o ponto de partida: “*No dia quatro de outubro do ano de 1501, dia de São Francisco, o italiano Américo Vesputio, ao serviço do Rei D. Manuel, descobrira a foz de um rio chamado Opara pelos indígenas e que recebera, então, o*

nome do Santo de Assis.” Seguindo a espinha dorsal que o São Francisco significa para a região Nordeste, Bartira Ferraz fixou suas pesquisas, durante anos, na margem pernambucana do grande rio.

Essa foi a origem da sua tese de Doutorado brilhantemente defendida na Universidade de São Paulo e do livro que aqui comentamos. Com prefácio e respectiva apresentação dos historiadores José Jobson de Andrade Arruda, da USP e Maria Regina Celestino de Almeida, da UFF, a obra está dividida, principalmente, em dois grandes blocos: o *Paranambuco* indígena e o *Paranambuco* colonial. Os territórios pré-históricos, as fronteiras das nações indígenas, as novas fronteiras coloniais até a consolidação do império português, a atuação missionária com a paulatina destruição da cultura indígena, sucedem-se de forma bem articulada. Acrescenta-se uma bibliografia completa e, especialmente, uma primorosa iconografia que fazem do livro uma obra de referência, imprescindível na historiografia pernambucana.